

O ensino remoto em tempos de pandemia: reflexões sobre a prática docente

Remote learning in pandemic times: reflections on teaching practice

La enseñanza a distancia en tiempos de pandemia: reflexiones sobre la práctica docente

Recebido: 02/10/2021 | Revisado: 09/10/2021 | Aceito: 16/10/2021 | Publicado: 18/10/2021

Jamerson Lopes Vieira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9827-9200>
Secretaria de Estado de Educação, Brasil
E-mail: jamersonlopesvieira84@gmail.com

Camila de Nazaré Araújo Cardoso

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3911-0584>
Universidade Federal do Pará, Brasil
E-mail: camilanacbio@gmail.com

Evaldo Gabriel Nascimento da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2502-5936>
Centro Universitário do Estado do Pará, Brasil
E-mail: g_silva@msn.com

Resumo

Este estudo objetivou analisar as percepções dos docentes quanto às práticas adotadas no ensino remoto durante a pandemia do novo coronavírus - COVID-19. Foi realizada uma pesquisa qualitativa com aplicação de questionário *on-line* - *Google Forms* a professores de diferentes níveis de ensino. De acordo com os discursos dos docentes, percebemos uma intensificação das dificuldades relacionadas especialmente ao acesso e ao uso dos recursos tecnológicos para fins educacionais. Esses desafios descortinam as fragilidades da educação brasileira sobre a sua relação com as ferramentas digitais uma vez que foi possível detectar a carência de capacitação docente para o uso desses recursos. Em conclusão, compreendemos que a postura docente frente a essa nova realidade é decisiva para o atingimento dos objetivos educacionais, logo, sugerimos o aprofundamento das discussões sobre esse tema como forma de subsidiar estudos que contribuam para o desenvolvimento de políticas voltadas para a docência durante o período de isolamento em virtude da COVID-19.

Palavras-chave: Aulas remotas; Ensino; Distanciamento social; COVID-19.

Abstract

This study aims to analyze teachers' perceptions about the practices adopted in distance education during the new coronavirus (COVID-19) pandemic. We carried out qualitative research using an online questionnaire to teachers of different educational levels. With this, we perceive an intensification of the difficulties related mainly to accessing and using technologies for educational purposes. These challenges reveal the weaknesses of Brazilian education in terms of its relationship with digital tools since it was possible to detect the lack of teacher training for using these resources. In conclusion, we understand that the teaching posture is decisive for the achievement of educational objectives. Therefore, we suggest deepening discussions on this issue to subsidize studies that contribute to the development of policies oriented to teaching during the period of isolation by COVID-19.

Keywords: Remote classes; Teaching; Social distancing; COVID-19.

Resumen

Este estudio tiene como objetivo analizar las percepciones de los docentes sobre las prácticas adoptadas en la educación a distancia durante la pandemia del nuevo coronavirus (COVID-19). Realizamos una investigación cualitativa mediante un cuestionario online a profesores de diferentes niveles educativos. Con esto, percibimos una intensificación de las dificultades relacionadas principalmente con el acceso y uso de tecnologías con fines educativos. Estos desafíos revelan las debilidades de la educación brasileña en términos de su relación con las herramientas digitales, ya que se pudo detectar la falta de formación docente para el uso de estos recursos. En conclusión, entendemos que la postura docente es determinante para el logro de los objetivos educativos. Por ello, sugerimos profundizar las discusiones sobre este tema para subsidiar estudios que contribuyan al desarrollo de políticas orientadas a la docencia durante el período de aislamiento por COVID-19.

Palabras clave: Aulas remotas; Enseñanza; Distanciamento social; COVID-19.

1. Introdução

Em dezembro de 2019, em Wuhan, na província de Hubei (China), foi descoberto um novo coronavírus, SAR-COV-2,

que causa a doença classificada como COVID-19 (do inglês, *Coronavirus Disease 2019*). Esse novo patógeno foi responsável por causar uma série de pneumonias em pessoas que frequentavam mercados de frutos do mar e animais vivos em Wuhan, e que tiveram contato direto com as vísceras e fluidos de animais (Munster et al., 2020).

Em janeiro de 2020, a partir da notificação da China, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou a existência de um surto causado por COVID-19 de relevância internacional. No dia 11 de março de 2020, a OMS declarou a COVID-19 como uma pandemia (OMS, 2020).

A transmissão do novo coronavírus se dá por meio do contato direto com gotículas respiratórias, mucosa oral, nasal e dos olhos de indivíduos infectados com o SARS-COV-2 (OMS, 2020). Em consequência de sua fácil transmissão, o vírus espalhou-se facilmente para outros países causando muito impacto em vários deles (Freitas et al., 2020).

No Brasil, os primeiros registros de infecção por SARS-COV-2 ocorreram no final de fevereiro de 2020 em indivíduos com histórico de viagem à China. No dia 06 de maio de 2020, o número de casos confirmados da COVID-19 no país totalizava 125.218. Destes, 8.536 morreram; mostrando que a taxa de letalidade do vírus era de 6,82% (Brasil, 2020).

Tudo isso obrigou a sociedade global a tomar medidas diferentes de proteção contra o vírus, entre elas, o isolamento social. Nesse sentido, o cenário educacional brasileiro, que já sofre com dificuldades, como a evasão escolar, falta de infraestrutura nos espaços escolares, baixa remuneração docente, etc., foi agravado pelo esvaziamento das escolas onde, segundo a Unesco (2020), mais de 1 bilhão de estudantes ficaram sem aulas.

Com o surgimento do vírus e suspensão das aulas, os docentes da rede pública e privada de ensino, na intenção de dar continuidade ao processo aprendizagem dos alunos, iniciaram momentos de replanejamento para organização e adaptação das aulas, por meio de atividades não presenciais. Assim, os docentes passaram a elaborar materiais pedagógicos que poderiam ser fornecidos aos alunos na versão impressa ou disponibilizados através ferramentas digitais, mantendo o vínculo com os alunos no novo fluxo educacional (Palú et al., 2020).

Dessa maneira, o presente artigo teve como objetivo analisar as percepções dos docentes quanto às práticas adotadas no ensino remoto durante a pandemia do novo coronavírus (COVID-19). As discussões levantadas nesse estudo, foram norteadas pelo seguinte problema de pesquisa: como tem-se dado a atuação docente no ensino remoto neste momento histórico de pandemia?

2. Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa. Minayo (1994), considerando sua natureza complexa, afirma que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser qualificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. (Minayo, 1994, p. 21-22)

Desse modo, a pesquisa qualitativa vale-se de métodos que evidenciam a importância da interpretação realizada pelo pesquisador sobre o objeto de análise, o qual interage com os estudos lançando opiniões sobre o fenômeno em análise (Pereira et al., 2018).

A coleta de dados aconteceu no mês de dezembro de 2020 e se deu pela aplicação de um questionário *on-line*, construído a partir da ferramenta Formulário Google. Ao todo, foram elaboradas 16 perguntas, dentre as quais, seis eram objetivas e 10 subjetivas, onde cinco eram específicas sobre as percepções dos docentes quanto ao ensino remoto. O questionário foi enviado via e-mail e através aplicativo de mensagens Whatsapp, aos educadores participantes desta pesquisa.

Apresentamos um recorte dos dados gerados pela presente pesquisa, no qual foram selecionados cinco enunciados produzidos pelos docentes a partir de questões subjetivas. A escolha teve como critério, selecionar as respostas que revelaram uma diversidade de horizontes valorativos quanto às questões subjetivas, que elencaram os seguintes eixos: Concepções sobre o Ensino Remoto; Experiência docente no Ensino Remoto; Adoção de Metodologias Ativas no Ensino Remoto; Percepções quanto ao engajamento dos alunos durante o Ensino Remoto; Dificuldades enfrentadas durante o Ensino Remoto. Cada eixo foi sistematizado com os cinco enunciados dos docentes em formato de quadro, onde as falas foram apresentadas na íntegra.

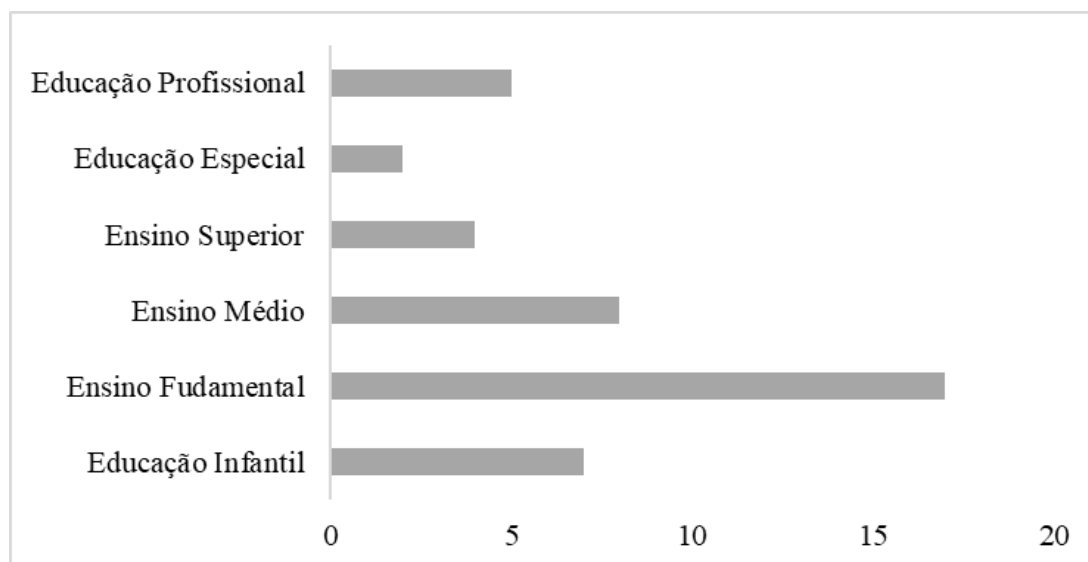
Destacamos que todos os registros obtidos foram tratados de forma ética, de modo a preservar a identidade dos participantes, portanto, ao nos referirmos aos docentes, utilizamos as siglas D1, D2, D3 e assim sucessivamente. A análise qualitativa dos discursos se deu à luz dos estudos publicados pela literatura científica sobre a temática do Ensino Remoto considerando a dialógica de linguagem. Também decorreu do material empírico obtido por meio da observação e análise de instrumentos normativos e legais, notícias, reportagens, entre outros textos envolvendo a pandemia da COVID-19 no país e no mundo.

3. Resultados e Discussão

Com participação espontânea, obteve-se um total de 29 respostas de profissionais atuantes nos Estados do Pará, Amapá, Manaus, Maranhão e Mato Grosso, sendo 24 do sexo feminino e 5 do sexo masculino, com faixa etária entre 23 e 53 anos. O perfil acadêmico dos participantes da pesquisa revelou que 11 tinham formação em nível de Graduação, 11 tinham Especialização, 4 tinham Mestrado e 2 tinham Doutorado.

A maioria dos entrevistados atuava no Ensino Fundamental e Médio (Figura 1), sendo que a maior parte pertencia a rede pública de ensino (17 no total).

Figura 1 - Nível e modalidade de ensino em que os docentes entrevistados atuam.



Fonte: Autores.

Os entrevistados afirmaram utilizar diferentes plataformas digitais como ferramentas facilitadoras do processo ensino-aprendizagem, sendo elas: Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA, utilizada principalmente por instituições privadas com expertise em Educação à Distância; aulas gravadas em vídeo e arquivos em texto, disponibilizadas aos alunos através do aplicativo de mensagem Whatsapp; aulas por videoconferências através de plataformas específicas - Google Classroom,

Microsoft Teams, Zoom; teleaulas transmitidas pela TV aberta, aplicativos e outras redes sociais. As plataformas digitais apresentaram-se como o instrumento mais utilizado entre os docentes participantes da pesquisa.

Quanto ao acesso à formação continuada para utilização dos recursos digitais, a maioria dos docentes revelou não ter participado de qualquer qualificação que facilitasse a mediação pedagógica através de tecnologias digitais (Figura 2).

Figura 2 – Formação continuada dos docentes para uso de tecnologias digitais.



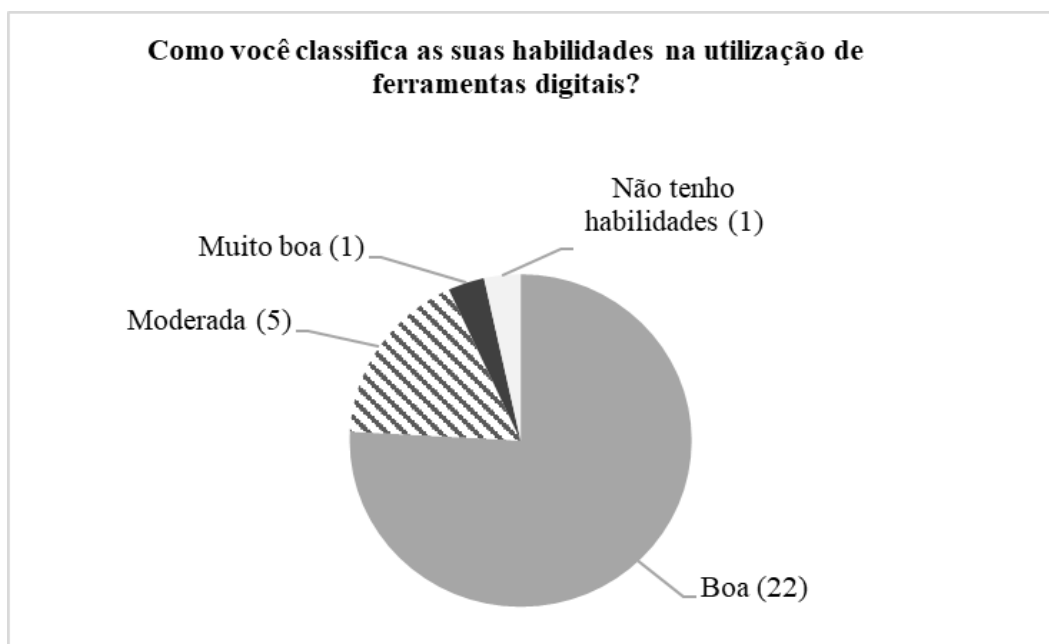
Fonte: Autores.

Tal situação pode gerar consequências negativas quanto ao processo de ensino-aprendizagem, fazendo com que o desempenho do professor se restrinja a ações mecanizadas, caso ele não desenvolva habilidades acerca dos letramentos digitais. Carvalho e Moura (2021) salientam que a ineficiência de investimentos na qualificação e na instrumentalização para a educação pública no Brasil ocasionará um impacto ainda maior, e ressaltam a necessidade de formação continuada para o uso das metodologias ativas e das redes digitais de aprendizagem. Os autores ponderam que:

[...] é um direito do professor receber uma formação de qualidade também das instituições ou secretarias de educação, não tirando o dever do professor de qualificar-se independente disso, já que a profissionalização e competência são dimensões intrínsecas a formação da identidade profissional e do perfil docente. (Carvalho & Moura, 2021, p. 9)

Embora a maioria dos entrevistados não tenha participado de formação profissional sobre o uso de ferramentas digitais, apenas 1 docente afirmou que não possui habilidades nesse sentido, enquanto que mais da metade considera possuir boas habilidades com os recursos tecnológicos (Figura 3).

Figura 3 - Classificação quanto ao uso das tecnologias digitais segundo os docentes.



Fonte: Autores.

Nesse contexto, a noção de letramento digital ganha especial importância diante da crescente demanda pela incorporação de tecnologias digitais e comunicação nas práticas escolares. Para Coscarelli & Ribeiro (2014), o letramento digital abrange:

[...] práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e *tablets*, em plataformas como *e-mails*, redes sociais na *web*, entre outras. (Coscarelli & Ribeiro, verbete, 2014)

Compreende-se que o letramento digital se configura como uma confluência de diversos tipos de letramento que se relacionam e se interligam para que os sujeitos estabeleçam uma rede de relações nos ambientes virtuais. Diante disso, letramento digital requer aplicação adequada das TICs, pois ele “transformou-se em uma prática essencial às aulas remotas, tanto para o aluno quanto para o professor” (Monteiro & Nantes, 2021, p. 4).

É importante observar que, apesar de vivermos na era da globalização, em constante contato com as tecnologias digitais, nem todos dispõem de acesso à internet. Embora muitas pessoas tenham acesso à rede, isso não significa que há inclusão digital, uma vez que “precisamos dominar a tecnologia para que, além de buscarmos a informação, sejamos capazes de extrair conhecimento” (Pereira, 2017, p. 17).

Portanto, mesmo que os professores tenham acesso aos recursos tecnológicos, mesmo que sejam familiarizados com as TICs e possuam habilidades, isto não significa que eles são letrados digitais. Vale ressaltar que essa realidade também se aplica ao aluno que está do outro lado da tela, enfatizando, assim, a importância da qualificação docente para conduzir esse novo contexto educacional.

Apesar do uso das TICs na educação não ser recente, em um cenário de pandemia, muitas escolas foram forçadas a usar desses recursos para dar continuidade ao ensino. Diante disso, os professores, em especial os dos anos iniciais do Ensino Fundamental, foram os mais afetados por terem que lidar com alunos que, por não estarem tão acostumados com o uso desses recursos, apresentam, então, maior insegurança em relação àqueles dos anos finais e Ensino Médio (Souza-Neto, 2018; Sampaio, 2020).

Nesse sentido, para compreender melhor essa realidade, apresentaremos uma análise das percepções dos docentes que participaram desta pesquisa sobre o ensino remoto no contexto pandêmico.

Análise dos enunciados dos docentes

Antes de analisarmos os enunciados dos docentes que participaram desta pesquisa, em virtude da primeira questão subjetiva que trata das concepções sobre o Ensino Remoto, vale ressaltar que a legislação vigente não contempla esta terminologia como modalidade ou tipologia de ensino. Contudo, a legislação construída em virtude da pandemia de COVID-19 estabelece a substituição de aulas presenciais por aulas em meio digital enquanto durar o surto da doença através das portarias nº 544, de 16 de junho de 2020 e nº 376, de 3 de abril de 2020 do Ministério da Educação, para os cursos de nível Superior e Profissional (Brasil, 2020).

No caso da Educação Básica, as medidas sobre as realizações das aulas ficam a cargo dos estados e municípios. No estado do Pará, de acordo com Decreto nº 800 de 31/05/2020¹, as aulas poderão ser ofertadas de forma presencial desde que seja priorizado o Ensino Remoto, sendo oferecido como uma alternativa para os alunos que optarem pelas aulas remotas, como se observa nos capítulos 6º e 7º do referido Decreto:

§ 6º As escolas e instituições de ensino em geral deverão priorizar o ensino remoto, ficando autorizadas a realizar aulas e/ou atividades presenciais, [...], e neste caso, sempre respeitadas as medidas de distanciamento controlado e protocolos geral e específicos previstos neste Decreto, adotando, sempre que possível, sistemas de rodízio de alunos e horários, a fim de evitar aglomerações. § 7º As instituições de ensino que optarem pelo retorno das aulas e/ou atividades presenciais, nos termos do parágrafo anterior, deverão oferecer, alternativamente, a opção do ensino remoto para os alunos que assim optarem. (Pará, 2020).

Assim, a respeito das discussões sobre o conceito de Ensino Remoto, podemos observar que, de modo geral, as concepções dos docentes que foram entrevistados neste estudo notadamente estão associadas ao uso de tecnologias, como se pode observar nos enunciados de D1, D2, D4 e D5 (Quadro 1).

Quadro 1 - Concepções dos docentes sobre o Ensino Remoto.

Para você, o que é o Ensino Remoto?	
D1	Ensino remoto é poder ensinar e aprender mesmo à distância com o auxílio da internet e das novas tecnologias
D2	Alinhar as práticas pedagógicas ao mundo tecnológico
D3	É uma ramificação da EAD, mas que foi imposta de forma improvisada, já que a maioria dos profissionais da educação não estavam preparados para esse tipo de ensino.
D4	É uma medida temporária onde as atividades pedagógicas passaram a ser mediadas pelo uso da tecnologia, com conteúdos disponibilizados online, com o professor interagindo ao vivo com os seus alunos e organizando atividades para serem realizadas e postadas ao longo da semana para seus alunos em plataformas digitais, para que haja aprendizado de qualidade mesmo longe da sala de aula.
D5	É a interação de aluno/professor por alguma plataforma virtual

Fonte: Autores.

¹ Este Decreto revoga o Decreto Estadual nº 729, de 05 de maio de 2020, e o Decreto Estadual nº 777, de 23 de maio de 2020.

Os enunciados do Quadro 1 mostram também que, além do uso de recursos tecnológicos, algumas falas dos docentes refletem a associação entre Ensino Remoto e a ideia de temporalidade, conforme a resposta de D4: *“é uma medida temporária onde as atividades pedagógicas passaram a ser mediadas pelo uso da tecnologia [...]”*.

A respeito disso, Santo e Trindade (2020) refletem em seu estudo sobre o conceito de Ensino Remoto Emergencial – ERE, dado em um contexto de situações atípicas, como de uma pandemia, definindo esse termo como uma possibilidade de dar continuidade às atividades pedagógicas tendo como objetivo diminuir os prejuízos em decorrência da suspensão das aulas presenciais.

Sobre essa nova terminologia, Tomazinho (2020) destaca a importância da palavra “emergencial” pois o que caracteriza “remoto” é a impossibilidade de alunos e professores frequentarem as escolas em virtude das medidas de contenção da propagação do novo coronavírus. Já a palavra emergencial, aponta a temporalidade desta alternativa, visto que os planejamentos pedagógicos como um todo foram interrompidos abruptamente em decorrência das medidas de prevenção do vírus. Diante disso, o termo ERE parece ser o mais adequado para ser utilizado no contexto da pandemia de Covid-19, como bem refletiu o enunciado de D4.

Por outro lado, observamos que, de acordo as falas do docente D3, ao dizer que o Ensino Remoto *“é uma ramificação da EAD, mas que foi imposta de forma improvisada, já que a maioria dos profissionais da educação não estavam preparados para esse tipo de ensino”*, percebemos duas questões importantes para se refletir: a classificação do Ensino Remoto como um tipo de Educação a Distância e a visão de que os profissionais não estavam preparados para ministrar aulas remotas.

Dessa forma, o enunciado de D3 reflete desconhecimento e/ou incompreensão sobre o ensino EaD ao utilizá-lo como similar ao Ensino Remoto. Segundo o artigo 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), EaD se caracteriza como uma modalidade de ensino, assim, dispõe de ampla regulamentação para o seu desenvolvimento. A EaD é definida no Art. 1º do Decreto nº 9.057/2017, que a classifica como:

Modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos. (Brasil, 2017, p. 1)

Além desta regulamentação, que é mais ampla, há outras que orientam o desenvolvimento da EaD, estabelecendo seus critérios de oferta, avaliação e acompanhamento. De fato, o que se deve observar é que apenas a ausência de presença física não caracteriza o ensino EaD, logo, Ensino Remoto e EaD não são sinônimos e seus conceitos não devem ser confundidos.

Dessa maneira, o enunciado de D3 mostra indícios de como foi sua experiência nas aulas remotas: *“[...] que foi imposta de forma improvisada, já que a maioria dos profissionais da educação não estavam preparados para esse tipo de ensino”*. O Quadro 2, portanto, mostra as respostas referentes às vivências dos docentes durante o Ensino Remoto, as quais podemos destacar os relatos de D1, D4 e D5, que corroboram quanto às dificuldades nas práticas pedagógicas com relação a intimidade em utilizar as ferramentas digitais e o próprio acesso à internet.

Quadro 2 - Experiência docente no Ensino Remoto.

Descreva como foi a experiência de trabalho no ensino remoto. Explique sobre as ferramentas adotadas em sua prática docente.	
D1	foi um pouco trabalhoso, principalmente no início que não tinha intimidade com a plataforma do zoom. Só havia utilizado uma ou duas vezes, houveram algumas problemáticas como a internet dos alunos ou a minha parar de funcionar, alunos não quererem ligar a câmera ou alguns não ouvirem por conta de problemas técnicos.
D2	Nos dois modelos foram realizadas pesquisas acerca de determinado conhecimento culminando em discussão por meio de fórum ou na apresentação de atividades utilizando aplicativos como Word para texto, Excel para planilhas e PowerPoint para apresentações, bem como mídias sociais. Também foram aplicados vídeos, estudos de caso e problematização. O feedback foi mais lento, a interação menor, mas as práticas são desenvolvidas alcançando boa parte dos alunos das turmas.
D3	Não tive muita dificuldade, haja vista que tenho uma graduação nessa área e minha especialização também é nela. Já havia feito um curso da Google for Education que me auxiliou no uso de algumas ferramentas
D4	Para mim, aprender a adaptar as costumeiras aulas presenciais para aulas virtuais não foi nada fácil, ainda mais sem prévio treinamento tecnológico e tendo a difícil missão de promover o ensino remoto de qualidade, bem como contornar as diferentes dificuldades: acesso à internet, manuseio do computador, adaptação à nova rotina, planejamento, execução de atividades pedagógicas e comunicação com os alunos. Aprendendo mais do que nunca a criar aulas online, testando, errando, ajustando e se desafiando a cada dia. Na instituição de ensino que leciono, adotamos para fundamental I o aplicativo Zoom nas aulas remotas.
D5	Muito difícil, principalmente no início do ensino remoto, quando não sabíamos utilizar certas ferramentas, programas, etc.

Fonte: Autores.

Diante disso, Garcia et al. (2020) observam que o Ensino Remoto impulsiona o uso de uma variabilidade de recursos, estratégias e práticas frente às novas tecnologias, mídias e ferramentas digitais, logo, a escolha de cada uma delas deve ser definida a partir da habilidade e familiaridade dos docentes em adotar tais recursos.

As competências e habilidades dos professores são requisitadas na adoção de práticas e metodologias ativas na educação como forma de melhorar o desempenho tanto dos docentes quanto dos alunos no atingimento dos objetivos de aprendizagem. Nesse contexto, Bates (2019) aponta duas competências às quais os professores devem estar atentos: a *Hard Skills* e a *Soft Skills*. A primeira diz respeito às habilidades de foro técnico, facilmente mensuráveis e treináveis, enquanto que a segunda diz respeito às habilidades sociais e comportamentais, relacionadas à inteligência emocional, atitudinal, liderança, comunicação, competências transversais, trabalho colaborativo, etc.

É importante ressaltar que essas habilidades são mais complementares do que dicotômicas, onde cada uma pode ser mais valorizada em determinados momentos. Assim, antes de utilizar recursos digitais e escolher as metodologias ativas, é preciso desenvolver seu propósito educacional para então compreender as características e para que servem as ferramentas (Wen, 2019).

O Quadro 3 evidencia as metodologias ativas utilizadas pelos docentes no Ensino Remoto, dentre as quais podemos citar a sala de aula invertida (D2, D3 e D5), problematização (D1, D3 e D4) e gamificação (D5).

Quadro 3 - Adoção de Metodologias Ativas no Ensino Remoto.

Fez/faz uso de Metodologias Ativas durante o Ensino Remoto? Qual(is)?	
D1	Sim, no caso crio um momento para os alunos responderem a desafios relacionados aos assuntos abordados, eles também têm o momento de criação de perguntas (já que minha disciplina é de línguas).
D2	Sim, dentre elas sala de aula invertida e estudo híbrido.
D3	Sim, sala de aula invertida (a mais usada), ensino híbrido e a problematização.
D4	Durante minhas aulas houve alguns momentos de construção de conhecimento a partir da discussão em grupo de um problema, mesmo cada um em sua casa e do outro lado da telinha, tivemos esses momentos de discussões sobre os problemas apresentados, incentivando a comunicação. Acredito que se enquadraria em Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) um tipo de metodologia ativa.
D5	Em algumas turmas utilizei a aula invertida, em outras utilizei gamificação.

Fonte: Autores.

Sobre o uso de metodologias ativas no Ensino Remoto, Garcia et al. (2020) observam:

A caminho da escolha das melhores decisões, a aproximação e o domínio dos conceitos e características das metodologias ativas se apresenta como procedimento didático e pedagógico necessários, por ser esse paradigma que possibilitará que o ensino remoto alcance os princípios da aprendizagem e desenvolva as competências dos alunos para o ensino mediado. (Garcia *et al.*, 2020, p. 9-10)

Desse modo, considera-se que as metodologias ativas ultrapassam as metodologias tradicionais de ensino, uma vez que estimulam o estudante a pensar de maneira autônoma e a ser um sujeito que atua ativamente em uma sociedade que constantemente se transforma e, assim, não comporta mais um ensino passivo, engessado e retrógrado (Welter *et al.*, 2020).

A aplicação de metodologias ativas nas diferentes áreas de conhecimento como forma de contribuir para o engajamento dos estudantes no Ensino Remoto intenciona promover mais ativamente o envolvimento do aluno no processo de aprendizagem para além da leitura e escrita, possibilitando que ele pergunte, discuta, resolva problemas e desenvolva projetos.

Sobre as percepções quanto ao engajamento dos alunos ao longo das aulas remotas, os docentes pontuaram comportamentos distintos na forma como foram se desenvolvendo durante o processo de ensino-aprendizagem (Quadro 4). Para alguns professores, os alunos foram se engajando de maneira gradual ao longo das aulas (D1 e D3), mas para outros os estudantes foram perdendo o interesse, como mostra o discurso de D5:

“No início das aulas remotas tudo era novo e despertava nos alunos o interesse em aprender a usar as ferramentas e vivenciar esse contato com os colegas através do computador, celular e tablet...as aulas fluíram bem melhor, mas com o cansaço de todos os dias viver essa rotina e a ausência do contato físico com os outros coleguinhas foi mais difícil de prender a atenção deles, aí exigiu mais de mim, de buscar novidade, vídeos sobre os conteúdos trabalhados, fazer joguinhos, ter momentos de conversa e etc para despertar o interesse deles e torna a aula mais interessante e significativa”. (D5, 2020).

Complementarmente, temos as observações de D1: *“[...] outros parecem ter ficado mais preguiçosos por estarem no quarto, as vezes próximos da cama, eu tentava pedir pra eles ficarem em uma cadeira e evitar ficar deitados na cama”* (Quadro 4).

Quadro 4 - Percepções quanto ao engajamento dos alunos durante o Ensino Remoto.

Como você percebeu o engajamento de seus alunos no processo ensino-aprendizagem via Ensino Remoto?	
D1	Alguns bem tímidos tiveram uma melhora significativa, parecem ter sido encorajados pela tela e ficaram mais falantes, respondendo mais as questões, mais participativos. Outros parecem ter ficado mais preguiçosos por estarem no quarto, as vezes próximos da cama, eu tentava pedir pra eles ficarem em uma cadeira e evitar ficar deitados na cama.
D2	Dependendo do canal de interação razoavelmente bom. Razoável.
D3	No início foi difícil o processo de adequação, mas com o tempo houve uma grande melhora e interação entre aluno/professor. Percebi que muitos alunos se engajaram mais que em sala de aula, mas também houve o contrário, do aluno se engajar muito menos.
D4	Inicialmente foi muito complexo, uma vez que nossos alunos ainda são muito dependentes e esse tipo de ensino requer uma autonomia. Daí a importância da entronização das metodologias ativas, tornando o aluno protagonista da sua própria história.
D5	Para os alunos o grande desafio foi aprender a gerenciar o seu tempo dentro de casa e ter disciplina para estudar online. Tudo isso no contexto de stress e ansiedade por estarem confinados em casa, longe dos amigos e professores e vivendo em uma pandemia. No início das aulas remotas tudo era novo e despertava nos alunos o interesse em aprender a usar as ferramentas e vivenciar esse contato com os colegas através do computador, celular e tablet...as aulas fluíram bem melhor, mas com o cansaço de todos os dias viver essa rotina e a ausência do contato físico com os outros coleguinhas foi mais difícil de prender a atenção deles, aí exigiu mais de mim, de buscar novidade, vídeos sobre os conteúdos trabalhados, fazer joguinhos, ter momentos de conversa e etc. para despertar o interesse deles e torna a aula mais interessante e significativa.

Fonte: Autores.

Conforme observado no Quadro 4, para D2 o engajamento dos alunos variava com o tipo de canal de interação, e para D4 os “[...] *alunos ainda são muito dependentes e esse tipo de ensino requer uma autonomia. Daí a importância da entronização das metodologias ativas, tornando o aluno protagonista da sua própria história.* Nesse contexto, é importante destacar que no Ensino Remoto, ou mesmo na EaD, o uso de recursos tecnológicos e metodologias ativas não garante, automaticamente, autonomia e/ou engajamento dos aprendizes, mas sim a didática e a pedagogia do professor que podem possibilitar o atingimento desses objetivos no ensino.

Por outro lado, existe o protagonismo do aluno no processo de ensino-aprendizagem para que o engajamento e a construção do conhecimento culminem no desenvolvimento das competências e habilidades. Segundo Barros (2017), o aluno exerce um papel ativo no seu processo de aprendizagem uma vez que traz para a aula sua experiência e saberes prévios, enquanto que o professor organiza e planeja sua estratégia de ensino de maneira a possibilitar o estabelecimento de relações entre o saber teórico e a experiência prática, focando em uma aprendizagem efetiva.

Para isso, espera-se o domínio técnico-pedagógico por parte dos profissionais durante as aulas remotas, embora saibamos dos muitos desafios que são criados frente às novas tecnologias e metodologias de ensino em um contexto pandêmico. No Quadro 5, destacam-se os discursos dos docentes sobre as dificuldades enfrentadas durante o Ensino Remoto, onde podemos observar que a qualidade da internet (D1, D2 e D5), manuseio de ferramentas tecnológicas (D2 e D5), falta de materiais/recursos (D2 e D3), ansiedade, falha de comunicação e cobranças excessivas (D2) representaram os principais desafios para os professores entrevistados.

Quadro 5 - Dificuldades enfrentadas durante o Ensino Remoto.

Para você, quais os principais desafios enfrentados durante o Ensino Remoto?	
D1	A própria qualidade da internet principalmente
D2	Ansiedade, falha de comunicação direta, ferramentas difíceis de manusear, problemas com Internet, cobrança acima do normal de toda parte, falta de suporte material.
D3	A falta de recursos, em especial, por parte dos alunos.
D4	Para mim quanto profissional é desafiador desenvolver estratégias sem a utilização das atividades sensoriais na utilização dos 5 sentidos. Com os alunos vejo como é desafiador engajá-los e motivá-los, evidenciando a necessidade emergente da utilização dos recursos tecnológicos como possibilidade de continuação no processo de aprendizagem.
D5	Foi garantir um ensino de qualidade onde eu tinha que me adaptar a utilizar o computador nas aulas para ensinar através do aplicativo zoom em tempo real, a ter o contato com os alunos online, despertar o interesse deles para o conteúdo, estimulá-los a dizer, escrever e fazer através dos meios digitais, e paralelo a tudo isso, enfrentando as dificuldades de uma Internet lenta, de um tempo limite do aplicativo (40 min.) responder pais pelo WhatsApp e gravar e editar as minhas aulas para enviar para os alunos que não participaram da aula naquele dia e etc. Foi um ano desafiador.

Fonte: Autores.

Somado a essas dificuldades, o discurso de D4 ainda destaca:

“Para mim quanto profissional é desafiador desenvolver estratégias sem a utilização das atividades sensoriais na utilização dos 5 sentidos. Com os alunos vejo como é desafiador engajá-los e motivá-los, evidenciando a necessidade emergente da utilização dos recursos tecnológicos como possibilidade de continuação no processo de aprendizagem.” (D4, 2020).

É inevitável não considerar o caráter reducionista do Ensino Remoto, uma vez que nos deparamos com a realização de atividades que dispensam o efetivo trabalho docente de mediação, interação, diálogo, enfim, da relação da escola com as demais mediações sociais que ela possibilita (Pretto *et al.*, 2020).

Dessa maneira, podemos perceber como a pandemia de COVID-19 evoca as fragilidades da educação e, ao mesmo tempo, evidencia indicativos de transformações necessárias às novas formas de aprendizagem. Acreditamos que apesar de todas as dificuldades e desafios, as práticas adotadas no Ensino Remoto são mais do que uma alternativa para não se manter inerte na educação, pois elas induzem reflexões que, talvez, sem o contexto pandêmico, não fossem descortinadas sobre a atuação docente. Desse modo, compreende-se que o Ensino Remoto não substitui o ensino presencial, mas, ao menos, contribui para minimizar os danos causados pela suspensão das aulas (Ely, 2020).

4. Conclusão

O presente artigo teve como objetivo analisar os discursos dos docentes atuantes em diferentes níveis e modalidades de ensino, investigando as percepções desses profissionais sobre práticas pedagógicas adotadas num contexto de ensino remoto, mediadas ou não por ferramentas tecnológicas digitais

Neste artigo, discutimos sobre o Ensino Remoto em tempos de pandemia a partir das percepções dos professores diante de suas práticas nas aulas remotas. A aplicação do questionário on-line permitiu, primeiramente, que os docentes se vissem sob outra perspectiva, assim, podendo refletir sobre as questões abordadas. Além disso, foi possível analisar as respostas de profissionais atuantes em diversos níveis de ensino, tanto público quanto privado, e em distintas localidades,

permitindo que assim se conheça as realidades enfrentadas em cada contexto.

As respostas dos entrevistados representaram apenas um recorte da realidade vivenciada nas aulas remotas, mas puderam elucidar que, apesar das dificuldades, sobretudo quanto à utilização dos recursos tecnológicos, os professores se esforçam para fazer um uso adequado das ferramentas para promover o processo de ensino-aprendizagem.

Por meio dos enunciados, notamos também que as dificuldades cercam os alunos no sentido de, assim como alguns docentes, não serem tão familiarizados com tecnologias na mediação do ensino, além de se depararem com a desmotivação em certos momentos.

A relação entre as tecnologias e a educação deve ser abordada de modo que se repensem as metodologias no sentido de otimizar a ação docente, pois acreditamos que mesmo que professores e alunos tenham acesso e se apropriem com facilidade dos mecanismos digitais, existe uma dificuldade em articular esse uso com o cotidiano escolar, uma vez que são contextos e lógicas diferentes. Portanto, esses achados chamam a atenção para o desenvolvimento de estudos que possam contribuir quanto a adoção de estratégias e políticas educacionais adequadas ao Ensino Remoto, seja ele passageiro ou não.

Referências

- Barros, M. A. de M., & Traxler, J. (2017). Mobile learning in undergraduate science education students: understanding the uses and strategies. *Enseñanza de las ciencias: revista de investigación y experiencias didácticas*, n. Extra, 725-730. <https://www.raco.cat/index.php/Ensenanza/article/view/335411>
- Bates, A. W. (2019). *Teaching in a digital age.*: Tony Bates Associates Ltd.
- Brasil. (2017). *Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017*. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF.
- Brasil. (2020). *Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública-COVID19*. Secretaria de Vigilância em saúde. Boletim epidemiológico 09. Brasília, DF: Ministério da Saúde.
- Brasil. (2020). *Portaria nº 544/2020*. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. Brasília, DF.
- Carvalho, S. B. P., & Moura, M. da G. C. (2021). As experiências e os desafios dos professores de escolas públicas estaduais no início da pandemia do COVID-19. *Research, Society and Development*, 10(10), p. e496101019292. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19292>.
- Coscarelli, C. V., & Ribeiro, A. E. (2014). Letramento Digital. In Frade, Isabel C. A. S et al. (Orgs.). *Glossário CEALE**. Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores. Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita - CEALE. Faculdade de Educação da UFMG. Belo Horizonte.
- Ely, D. (2020). Aulas presenciais nas escolas do RS não têm prazo para retorno. *Gauchazh*. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-emprego/noticia/2020/04/aulas-presenciais-nas-escolas-do-rs-nao-tem-prazo-para-retornock9lwcmbi00oj017ndtzewi2r.html>
- Freitas, A. R. R., Napimoga, M., & Donalisio, M. R. (2020). Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. *Epidemiol. Serv. Saude*, 29(2), e2020119. <http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v29n2/2237-9622-ess-29-02-e2020119.pdf>
- Garcia, T. C. M., Morais, I. R. D., Zaros, L. G., & Rego, M. C. F. D. (2020). *Ensino remoto emergencial: orientações básicas para elaboração do plano de aula*. Natal: SEDIS/UFRN.
- Minayo, M. C. S. (1994). Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Maria Cecília de Souza Minayo (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 9-29). Petrópolis: Vozes.
- Monteiro, E. S., Nantes, E. A. S. (2021). O letramento digital como estratégia de ensino-aprendizagem no ensino superior, durante o ensino remoto emergencial. *Research, Society and Development*, 10(10), e03101018576. doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18576>
- Munster, V. J., Koopmans, M., Doremalen, N., Van Riel, D., & Wit, E. (2020). A novel coronavirus emerging in China - Key Questions for Impact Assessment. *N Engl J Med*, 382(8), 692-694. 10.1056/NEJMp2000929
- OMS. (2020) *Rolling updates on coronavirus disease (COVID-19)*. OMS, 2020. <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-13-coronavirus-2019/events-as-they-happen>.
- Palú J., Schütz, J. A., & Mayer L. (2020). *Desafios da educação em tempos de pandemia*. Ilustração.
- Pará. (2020). *Decreto nº 777 de 23/05/2020*. Dispõe sobre as medidas de distanciamento controlado, visando a prevenção e o enfrentamento à pandemia da COVID-19, no âmbito do Estado do Pará e revoga o Decreto Estadual nº 609, de 20 de março de 2020. Belém, PA.
- Pará. (2020). *Decreto nº 800, de 31 de maio de 2020*. Institui o Projeto RETOMAPARÁ, dispondo sobre a retomada econômica e social segura, no âmbito do Estado do Pará, por meio da aplicação de medidas de distanciamento controlado e protocolos específicos para reabertura gradual e funcionamento de

segmentos de atividades econômicas e sociais, e revoga o Decreto Estadual nº 729, de 05 de maio de 2020, e o Decreto Estadual nº 777, de 23 de maio de 2020. Belém, PA.

Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Parreira, F. J. & Shitsuka, R. (2018). Metodologia da pesquisa científica. UFSM. https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_MetodologiaPesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1.

Pereira, J. T. (2017). Educação e sociedade da informação. In C. V., Coscarelli, & A. E., Ribeiro (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas* (13-24). Ceale/Editora autêntica.

Pretto, N., Bonilla, M. H., & Sena, I. (2020). *Educação em tempos de pandemia: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19*. Salvador: Edição do Autor.

Sampaio, R. M. (2020). Práticas de ensino e letramentos em tempos de pandemia da COVID- 19. *Research, Society and Development*, 9(7), e519974430. [10.33448/rsd-v9i7.4430](https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4430)

Santo, E. E., & Trindade, S. Dias. (2020). Educação a distância e educação remota emergencial: convergências e divergências. In D. P., Machado. *Educação em tempos de COVID-19: reflexões e narrativas de pais e professores*. Curitiba: Editora Dialética e Realidade.

Tomazinho, P. (2020). Ensino Remoto Emergencial: a oportunidade da escola criar, experimentar, inovar e se reinventar. *Medium*. https://medium.com/@paulotoma_zinho/ensino-remoto-emergencial-a-oportunidade-da-escola-criar-experimentar-inovar-e-se-reinventar-6667ba55dacc

Unesco. (2020). UNESCO lança publicação com orientações sobre práticas educacionais abertas durante a pandemia. *Nações Unidas Brasil*. <https://brasil.un.org/pt-br/85867-unesco-lanca-publicacao-com-orientacoes-sobre-praticas-educacionais-abertas-durante-pandemia>

Welter, R. B.; Foletto, D. da S.; & Bortoluzzi, V. I. (2020). Metodologias ativas: uma possibilidade para o multiletramento dos estudantes. *Research, Society and Development*, 9(1), e106911664. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/1664>.

Wen, C. L. (2019). Educação para saúde mental no cotidiano do mundo digital. *Constr. psicopedag.*, 27(28), 5-18. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542019000100002&lng=pt&nrm=iso.